

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ANNA CAROLINA SOUZA DE OLIVEIRA

**Desconstruindo Paglia: feminismo heterodoxo ou conservadorismo machista?**

GOIÂNIA/GO

2014

ANNA CAROLINA SOUZA DE OLIVEIRA

**Desconstruindo Paglia: feminismo heterodoxo ou conservadorismo machista?**

Trabalho de Conclusão do Ensino Médio apresentado à banca de professores do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação para obtenção do Certificado de Conclusão do Ensino Médio sob a orientação do prof. dr. Danilo Rabelo.

GOIÂNIA/GO

2014



**Universidade Federal de Goiás  
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação  
Coordenação do Ensino Médio**

**Comprovante de Frequência e Desenvolvimento do  
Trabalho de Conclusão de Curso**

Goiânia, 28 de Novembro de 2014.

Eu, Danilo Rabelo, docente do Departamento Sociologia, por meio deste documento, comprovo que a aluna Anna Carolina Souza de Oliveira, matrícula 070891, série 3º Ano B do Ensino Médio, desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso perfazendo um total de 100% da frequência necessária, computada como: atividades de orientação, pesquisa, redação e estudos individuais pertinentes ao projeto no qual se vincula.

---

**ANNA CAROLINA SOUZA DE OLIVEIRA  
070891**

---

**Prof. Dr. DANILO RABELO  
Mat. Siape 1187969**



**Universidade Federal de Goiás  
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação  
Coordenação do Ensino Médio**

**Certidão de Apresentação e Avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso**

Goiânia, 28 de Novembro de 2014.

Certifica-se que a aluna ANNA CAROLINA SOUZA DE OLIVEIRA, matrícula 070891, série 3º Ano B do Ensino Médio, apresentou seu Trabalho de Conclusão de Curso: *Desconstruindo Paglia: feminismo heterodoxo ou conservadorismo machista?*, sendo este avaliado pelos Docentes:

Prof. Dr. Danilo Rabelo (Orientador)

Prof. Dr. Evandson Paiva Ferreira

Prof. Ms. Paulo César Vieira de Araújo

conferindo-lhe sua \_\_\_\_\_ com conceito final  
\_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Prof Dr. Evandson Paiva Ferreira

\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Paulo César Vieira de Araújo

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Danilo Rabelo (Orientador)

## **Desconstruindo Paglia: feminismo heterodoxo ou conservadorismo machista?**

Aluna: Ana Carolina  
Orientador: Prof. Dr. Danilo Rabelo

### **Resumo**

Mulheres estupradas são realmente responsáveis ou culpadas por seu infortúnio? O feminismo tradicional ou ortodoxo não torna as mulheres mais livres, economicamente independentes e felizes? Essas e outras questões foram e são debatidas pela crítica de arte e feminista heterodoxa norte americana, Camille Paglia, cuja obra analisaremos brevemente neste artigo. Esperamos com este trabalho poder contribuir modestamente para que o respeito à diversidade de gênero e sexual possa ser garantido a todas as mulheres.

Palavras-chave: feminismo, gênero, mulher, Camille Paglia.

### **Abstract**

Are raped women actually responsible or blamed for their misfortune? Does the traditional or orthodox feminism make women more free, economically independent and happy? These and other issues were and are debated by the art critic and heterodox North American feminist, Camille Paglia, whose work we analyze briefly in this article. We expect this work to contribute modestly so that the respect to the gender and sexual diversity can be guaranteed to all women.

**Keywords:** feminism; gender, women; Camille Paglia,

### **Uma breve historia do feminismo.**

A Revolução Francesa foi primordial ao avanço da linha de pensamento feminista. Tendo como lema Igualdade, Liberdade e Fraternidade, as mulheres passam a reivindicar que tais direitos se estendessem para as mulheres, assim como era para homens, pois queriam ser reconhecidas como cidadãs, foi nesse momento que as mulheres deram o maior salto de liberdade, começaram publicamente a fazer parte das manifestações políticas e passaram a reivindicar direitos iguais, como direito ao divórcio, a uma educação completa.

Em setembro de 1791, Olympe de Gouges, cujo verdadeiro nome era Marie Gouze, fundou a Sociedade Popular das Mulheres e publicou a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* como resposta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 que, pregava o respeito à dignidade das pessoas, a liberdade e a igualdade dos cidadãos perante a lei, o direito à propriedade individual, o direito de

resistência à opressão política e a liberdade de pensamento opinião (ALVES, PITANGUY, 1981; NYE, 1995). Porém, esses direitos eram destinados apenas para o sexo masculino. Considerada então uma mulher perigosa por suas ideias de igualdade entre os sexos, Olympe de Gouges foi condenada à guilhotina pelo tribunal Revolucionário.

Outra mulher que levantou voz pelos direitos da mulher, no final do século XVIII foi a inglesa Mary Wollstonecraft que, também escreveu um artigo em 1789 sobre a Reivindicação dos Direitos dos Homens, chamando a atenção de muitos intelectuais da época como Rousseau e Voltaire. O livro *A Vindication of the Rights of Woman (Uma defesa dos Direitos da Mulher)* publicado dez anos depois, defendia que as mulheres não são inferiores por natureza, mas sim por condições e educação dada a elas (ALVES, PITANGUY, 1981; NYE, 1995). Porém nenhuma dessas reivindicações tomou força.

Já a Revolução Industrial se caracterizou pelo grande processo de mudanças no meio de produção, atingindo todos os campos sociais, entre eles as mulheres. Com artefatos mecânicos, a força humana foi substituída por máquinas. As mulheres foram recrutadas a ir para as fábricas e trabalhar em condições precárias para complementar a renda familiar.

Todos esses processos históricos contribuíram para a origem do feminismo que conhecemos hoje. Um movimento consolidado no ano de 1848, que ocorre com a Convenção em Seneca Falls, o primeiro encontro sobre direitos das mulheres em Nova Iorque. Este movimento torna-se reivindicatório por ocasião dessas grandes revoluções, buscando os direitos estendidos igualmente a ambos os sexos (ALVES, PITANGUY, 1981). Toda a história desse movimento se divide em que são conhecidos em três períodos conhecidos como Primeira Onda, Segunda Onda e Terceira Onda Feminista.

A Primeira Onda Feminista foi basicamente a busca pelo direito do voto, conhecido como o sufrágio feminista. No fim do século XIX início do século XX, mulheres influenciadas pelas ideias iluministas que pregavam igualdade e liberdade começam na Inglaterra, a manifestarem, espalhando a ideia por toda Europa e Estados Unidos da América em busca do direito de igualdade e extensão do voto e propriedades para as mulheres assim como era para os homens, pelo fim dos casamentos arranjados pelos pais, tratados como uma troca ou negócio, que depois de casadas as mulheres e seus filhos eram propriedade de seus maridos.

Desde a Revolução Industrial, em que as mulheres viram-se obrigadas a ocupar postos nas fábricas e outros serviços de extrema importância como trabalhos educacionais para complementar a renda familiar, o direito ao voto começou a ser reivindicado, pois diziam que se eram capazes de ocupar os mesmos cargos que homens, deveriam poder interferir politicamente com o voto, as reconhecendo como cidadãs. O início deu-se em 1897, com a fundação da União Nacional pelo Sufrágio Feminino por Millicent Fawcett (1847-1929), uma educadora britânica (ABREU, 2002). Apesar das leis da Inglaterra ser aplicadas às mulheres, elas não participavam politicamente, pois a maioria dos parlamentares do país acreditava nas ideias de filósofos britânicos como John Locke e David Hume (NYE, 1995). Tais filósofos consideravam as mulheres incapazes de compreender o funcionamento do Parlamento Britânico e, por isso, não podiam fazer parte no processo eleitoral.

O movimento feminista tomou as ruas e suas ativistas começaram a ser conhecidas pela sociedade pelo apelido de "sufragistas", ainda mais aquelas que faziam parte da União Social e Política das Mulheres (Women's Social and Political Union - WSPU) movimento que queria denunciar o sexismo<sup>1</sup> na sociedade britânica, formado por Emmeline Pankhurst (1858-1928), que após ser prendida, várias vezes por violações banais, moveu membros do grupo a fazer greves de fome, sendo uma militante que produziu um estilo mais agressivo ao movimento. Apenas em 1918 com a *Representation of the People Act* foi estabelecido o voto feminino no Reino Unido, motivado principalmente pela atuação do movimento das sufragistas na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que deixaram as ruas e tomaram importantes lugares na guerra (PUGH, 2000; ABREU, 2002).

A Segunda Onda feminista nada mais é que, a continuação da primeira que se caracteriza na década de 1960 até a década de 1980. Já visto como movimento autêntico e intelectual as mulheres continuam reivindicando pela expansão de seus direitos na sociedade, mas dessa vez com mais força. No primeiro momento as mulheres se mobilizaram para o sufrágio feminino, alcançado esse direito as mulheres procuram agora, o fim da discriminação e a igualdade entre os sexos.

---

<sup>1</sup>Sexismo é uma diferenciação feita entre homem e mulher, ou até envolvendo homossexuais, transexuais, hermafroditas, e que envolve preconceito em relação ao sexo em questão. É a ideia de que um sexo é superior ao outro, separando as pessoas por grupos, seja de homens, de mulheres, enfim, não há relação de igualdade, não há uma visão de que todos são iguais como indivíduos, pois o que pesa é o sexo de cada um. Para os sexistas, o seu sexo é superior ao outro tipo (ARAÚJO, 2006,p.59-60).

Foi nessa década que se consolidou essa segunda parte do feminismo, que ocorria, nos Estados Unidos e no mundo, movimentos pacifistas contra a Guerra do Vietnã. Podemos falar que isso impulsionou vários grupos sociais como os negros, homossexuais, as mulheres da época, pois os jovens gritavam a favor da paz e liberdade, em um período que é conhecido hoje como “anos rebeldes”. As feministas da época tomaram o embalo do movimento e começaram a criticar a ideia de que as mulheres teriam apenas que cuidar de seus lares e maridos e assim estariam satisfeitas. Isso criou uma nova maneira de pensar, principalmente nos Estados Unidos, foi invadido por mulheres que queriam trabalhar e serem respeitadas com igualdade de capacidade (NARVAZ, KOLLER, 2006). O movimento ganha espaço entre as mulheres negras na década de 1970 com Angela Davis, como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, dos Panteras Negras, militando pelos direitos da mulher, discriminação social e etnia. Assim começa a relação entre a condição da mulher em uma sociedade de classes e raciais.

Todo o período dessa onda feminista acabou ganhando uma frase, dita por Caaril Hanisch, com grande significado até nos dias atuais: “O pessoal é político”. A frase mostra a ideia de relação que o poder político tem sobre a vida privada; no caso das mulheres, a emancipação de seus direitos garantida por lei, convidando também a participação política das mulheres para o combate do sexismo no poder político.

A Terceira Onda Feminista surgiu especialmente para preencher e consertar o que tinha sido feito ou não na segunda onda, e que é contextualizada a partir da década de 1990. Começa a ser contestado por mulheres de classe média o padrão de beleza imposto e principalmente passa a se pensar sobre a questão de gênero relacionado ao meio político, social e cultural.

No fim dos anos 70 e no decorrer dos 80 difundiu-se entre as feministas de todos os países uma discussão que se tornou conhecida como o debate da “igualdade-versus diferença”. Desse modo, os debates giravam em torno dos conceitos de “diferença cultural”, “cultura feminina”, “cultura das mulheres”, “experiência feminina”, “reconhecimento da diversidade cultural de gênero” e assim por diante. Melucci (1982, p. 177) observou que:

Depois dos anos da igualdade a todo custo em nome da luta comum contra o inimigo externo, o movimento assume a forma de um percurso de muitos caminhos e a própria reflexão sobre a condição de mulher concentra-se sobre o tema das diferenças. (...) Por



isso é importante seguir as pistas de caminhos que se abrem à insígnia da diferença. Esta palavra chave atravessa hoje o campo inteiro do feminismo, em todas as direções.

Por sua vez, a historiadora Joan W. Scott (1988) considera que o par de conceitos igualdade/diferença acabou se cristalizando em uma suposta antítese. Para Pierucci (1990) havia as feministas clássicas, defendendo a estratégia da igualdade, a conquista ainda não consumada da paridade, convictas de que a diferença sexual não deve ser focalizada quando se trata de ganhar terreno num mundo ainda muito masculino, nos empregos mais bem remunerados etc. E havia as feministas defensoras da diferença, para as quais a luta em prol e em nome das mulheres só se pode empreender nos termos das necessidades, interesses e características comuns às mulheres como um grupo social específico.

Essa onda tenta quebrar com o modelo estruturalista que vinha sendo trabalhado ao longo da história, agora com o enfoque na discussão do que é um olhar autocrítico sobre o movimento. Tal crítica levou ao questionamento de mulheres negras sobre o feminismo, que até então tinha uma visão muito voltada para a sociedade branca de classe média. Para tratar melhor o assunto devemos ouvir uma negra falando disso, precisamos ver qual sua visão do feminismo vem sendo, muitas vezes, deixada de lado. Será que as mulheres negras se identificam com a história de uma mulher branca? No Brasil a fundadora e coordenadora-executiva do Geledés – Instituto da Mulher Negra em São Paulo SP, Sueli Carneiro (2003, p. 49-58) nos responde em um artigo:

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhozinhos e de senhores de engenho tarados. São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do

vencedor. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação.

Em meio aos debates que dividiam as feministas entre partidárias da igualdade versus partidárias da diferença de gêneros, entre feministas brancas e negras, surgiu o pensamento heterodoxo de Camille Paglia.

### **O feminismo heterodoxo de Camille Paglia.**

Camille Paglia é uma autora intelectual de Endicott, Nova Iorque, nascida em 2 de abril de 1947. É Ph.D em língua inglesa pela Universidade de Yale e atualmente, professora no *Philadelphia College of the Performing Arts*. Os temas por ela trabalhados estão relacionados a sexo, arte, cultura, ensino de história, feminismo, religião. Geralmente, Paglia tem opiniões polêmicas que trazem discussões atuais.

A autora de *Personas Sexuais; Sexo, arte e cultura American; Break, Blow, Burn*, se define como uma feminista heterodoxa, que procura desconstruir alguns pensamentos do feminismo que ela viveu em sua juventude- o feminismo ortodoxo.

Ela afirma que o feminismo não é honesto com as mulheres e que esse está destruindo a masculinidade dos homens. Uma de suas frases de maior impacto diante desse assunto foi “Se a civilização havia sido deixada em mãos femininas, nós ainda estaria vivendo em cabanas de palha” (PAGLIA, 1990, p.38).. Para ela a mulher do século XX se apropria do papel de vítima e esquece-se da responsabilidade que deve ter sobre seu corpo, que apesar de pertencê-la está sujeito aos perigos da sociedade.

Paglia em relação ao feminismo tem uma visão diferente de muitas feministas ortodoxas. Ela acredita e defende que o feminismo não é honesto com as mulheres quando divulgam a ideia de que podem viver sem riscos, ou que se sentirão totalmente realizadas em conciliar carreira profissional e vida pessoal. Paglia (1993, p. 71) ainda afirma que “O que as feministas estão querendo é que os homens sejam castrados, transformá-los em eunucos. ‘A força poderosa, incontrolável, da sexualidade masculina foi censurada dos lares brancos de classe média’”. A questão que deve ser trabalhada em torno desse assunto é a existência do sexismo na sociedade que imprime a dominação do sexo masculino sobre o feminino e quando colocada em discussão e não só as mulheres percebem isso, mas também o homem há uma mudança de comportamento de ambos os sexos. O oprimido –feminismo- acaba se colocando em

posição de defesa, mantendo uma postura perante a sociedade de que se pode fazer e ter o que era dito não ser apropriado a esse grupo. Já o opressor –machismo- começa a se reter ao perceber e entender em qual processo é mantido na sociedade ao longo da história.

Não se trata de querer castrar os homens, mas sim, educar toda a sociedade – inclusive mulheres- que recebe e reproduz o machismo. É importante ver que não é apenas o sexo feminino que sofre com essa linha de pensamento e ideias, pois o sexo masculino tem de lidar todos os dias com posição que há de o que é ser um “homem de verdade”, ganhando os melhores salários, sendo fisicamente fortes e totalmente sexuais impondo como prova de sua sexualidade.

O ponto importante da discussão sobre castrar ou não os homens, é do até que ponto um homem “castrado” pela sua mãe e sociedade é ruim. Lembrando que a afetividade é diferente de ser feminino, ter pessoas mais sensíveis e afetivas é realmente um problema?

“As questões de gênero tal como hoje são ensinadas nas faculdades procuram neutralizar a masculinidade”, diz Paglia (1992, p. 76), sobre o que gera homens “acanhados e com medo de falar”. O problema do ponto de vista da autora está em “homens acanhados e com medo de falar”, a verdade é que eles nunca precisaram se calar, o sistema machista de educação traz a razão, com ou sem a ela, o poder de está certo, o poder de falar mais alto e dominar o outro. Mulheres são até hoje o segundo sexo, em uma população mundial com a média de sete bilhões de pessoas e que entre essas há cinquenta e sete milhões de homens a mais com que as mulheres. Fica assim, difícil falar sobre uma preeminência feminina. E em relação às universidades, elas não são instituições que devem pregar o feminismo, mas sim falar sobre sua história, assim como devem trabalhar a questão do machismo. Assim os alunos tiram suas conclusões sobre os dois seguimentos ideológicos.

Novamente em seu livro *Sexo arte e Cultura Americana* (1992, p. 76), Paglia diz que “é antifeminista pedir tratamento especial para as mulheres” a questão é que igualdade nem sempre é justiça. É preciso “dar mais pão para quem tem mais fome”. Quando as feministas falam de igualdade, muitas pessoas pensam como Camille Paglia; acham que tudo deve ser distribuído de forma igualitária, porém se o homem, no caso, já possui mais que as mulheres se derem a mesma quantidade a ele, no final, continuará com mais. Deve haver igualdade na relação entre esses, igualdade de oportunidade e

escolhas, o feminismo não é o contrário de machismo. Feminismo vem para equilibrar os direitos na sociedade.

### **A imagem do poder corporal da mulher segundo Camille Paglia**

Quando Camille Paglia se refere ao feminismo, ela presa pela distinção de sexo biológico e gênero<sup>2</sup>, argumenta principalmente que o lado biológico não pode ser deixado de lado. Seu discurso apresenta algumas palavras chaves que nos mostram seu conservadorismo em questões relacionadas à mulher na sociedade, como “valores femininos” ou “masculinidade tradicional”.

Ao falarmos do contexto social da mulher, entramos em um meio que o homem também está inserido, pois, é um problema também que os atingem, por viverem juntos em uma sociedade, estão envolvidos na mesma relação social. O que é um conceito muito importante a ser trabalhado em volta destes dois sexos biológicos é a representação criada historicamente em torno do gênero. A noção de sexo não deve se assemelhar ao gênero, pois, um se trata do biológico que é como nascemos já o outro, trata sobre o que tornamos depois que nascemos. De acordo com Simone Beauvoir - importante autora feminista- as diferenças e as relações não se norteiam apenas entre homens e mulheres, mas principalmente, nas mulheres e diferenças entre as culturas. Ou seja, as mesmas funções determinadas pelo aparelho reprodutor não impede diferentes manifestações culturais.

Margareth Mead (1971) mostra que até a amamentação pode ser transferida a um marido moderno por meio da mamadeira. E os nossos índios Tupi mostram que o marido pode ser o protagonista mais importante do parto. É ele que se recolhe à rede, e faz o resguardo considerado importante para sua saúde e a do recém-nascido (LARAIA, 2001, p. 19).

Simone Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, começa com um capítulo que trabalha a questão da natureza animal primária que há no ser humano. O que pode ser usado para desconstruir a visão de Paglia, que diz que a parte animal do homem vem sendo reprimida pelo feminismo. Primeiramente, ao nascer, a sociedade tem um papel repressor imediato. Para Durkheim (2007, p. 2), “esses tipos de conduta ou de

---

<sup>2</sup>Segundo Rabelo (2010, p. 34), “Gênero é uma representação social e simbólica baseada nas características biológicas e psíquicas que orientam o comportamento socialmente esperado de homens e mulheres. Essa expectativa social acarreta diferenças de status social e de poder entre os sexos por meio de discursos, imagens, mitos, símbolos práticas sociais etc”.

pensamento não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele, quer ele queira, quer não”.

Do mesmo modo, para Freud, a civilização é fundada na base de uma renúncia à satisfação pulsional, isto é, a civilização "tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa" (1987, p. 16).

Quando um bebê chora logo é apanhado para parar, mais para frente é dito para ele que não se deve chorar por qualquer motivo – birra-; esse é apenas um dos muitos modos de repressão do ser como animal na vida social, assim nos afirma Marcuse (1968, p 43): “A cultura coage tanto a sua existência social como a biológica, não só partes do ser humano, mas também sua própria estrutura instintiva. (...)”.

Em segundo lugar, historicamente o homem tem associado o feminino, logo a mulher, às forças instintivas da natureza. A esse respeito Beauvoir (1970, p. 25) fez:

E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento. A palavra fêmea sugere-lhe uma chusma de imagens: um enorme óvulo redondo abocanha e castra o ágil espermatozoide, monstruosa e empanturrada, a rainha das térmitas reina sobre os machos escravizados, a fêmea e o louva-a-deus e a aranha, fartas de amor, matam o parceiro e os devoram; a cadela no cio erra pelas vielas, deixando atrás uma esteira de odores perversos; a macaca exhibe-se imprudente e se recusa faceirice hipócrita [...]

Contudo, essa representação feminina associada às forças ctônicas da natureza não é recente. Jean Delumeau (1990), ao discutir a mulher como “agente de Satã”, durante a Idade Média, analisa a ambiguidade das representações masculinas acerca dela. A associação da mulher às forças da natureza devido ao seu poder e papel na reprodução da espécie faria dela um mistério para o homem provocando-lhe medo. Tal temor e medo levou o homem a definir-se como ser superior, racional e apolíneo, em oposição à mulher, inferior, instintiva e dionisíaca (VASCONCELOS, 2005).

Vemos aqui, que não é justificável a dominação do homem sobre a mulher, reafirmando e comprovando que dominação não tem um segmento próprio, sobretudo nos humanos que produzem cultura, pois essa sobrepõe à animalidade humana. Segundo Edward Tylor em 1871, cultura é todo comportamento aprendido, tudo aquilo que

independe de uma transmissão genética e para Kroeber em 1917, o cultural e o biológico são distintos um do outro, que deve haver uma separação nesses estudos, afastando assim a dominação exercida por esses dois fatores (apud LARAIA, 2001). Para Geertz (2008, p.4), o conceito de cultura, é essencialmente semiótico: “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu [...] a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”.

Desse modo, entender o significado de representação é essencialmente importante para compreendermos a construção dos gêneros ao longo da história; a representação, por sua vez, deve ser analisada de acordo com cada cultura, que criam e reproduzem diferentes formas de relação política, econômica e pessoal entre si. E é sobre isso que Chartier (1988, p.17) e Bordieu (1982, p.135) afirmam, dizendo, que as representações do mundo social, assim construídas, mesmo sendo fundada na razão, sempre são determinadas pelo interesse de quem a cria.

Porém, o corpo é ainda um tabu a ser quebrado, Paglia, por exemplo, fala que existe o poder feminino sobre os homens. Em seu livro *Personas Sexuais* (1992, p. 23), ela diz que “o corpo da mulher é um labirinto onde o homem se perde”. O problema que persiste e que vem sendo trabalhado pela terceira onda feminista é essa representação sobre o corpo da mulher (BIRMAN, 1999). Existe hoje, uma mídia em massa que determina o corpo ideal, fazendo com que muitas mulheres que não alcançam essa forma se sintam excluídas de um meio.

Camille Paglia é contra a Marcha das Vadias: “Não se chame de vadia a não ser que você esteja preparada para viver e se defender como tal” diz ela a revista *ISTOÉ* (Junho de 2012). Para começarmos a desconstruir tal frase desta autora, analisamos o sentido da palavra vadia. No Dicionário Informal encontram-se sinônimos dessa palavra como: “piranha, à toa, prostituta, puta e outros termos pejorativos”. Na descrição: “Vagabunda. Geralmente utilizado para referenciar alguma mulher biscate, que gosta de chamar a atenção dos machos”.

Ao relacionar o significado da palavra com o contexto histórico cultural, vemos claramente que o feminismo está longe de uma dominação dos homens. Isso por que se prega o direito ao corpo e ainda não é pensado como essência cultural. Ser vadia no

século XX e XXI é a mulher que não tem pudores sobre seu corpo, que não hesita em querer mais de um homem. O problema é que não deve haver problemas relacionados à atividade sexual ou tentativa dela. É a própria Camille Paglia que diz que o ser é um animal que está atrás de sua presa, logo então a mulher também poderia ir atrás da sua, assim como o homem faz.

A questão é que a luta feminista da Marcha das Vadias vem com esse propósito, o corpo feminino como um tabu a ser quebrado e que o sentido da palavra vadia deixe de ser um termo pejorativo de ofensa às mulheres. Para Rabelo (2006, p. 88) essa é uma estratégia de sobrevivência na qual existe “a apropriação do discurso desqualificador pelos grupos subalternos para subvertê-lo, a fim de instituir uma positividade à ação estigmatizada, um chamado ao respeito às diferenças culturais, de classe, de raça e de gênero”. Jurandir freire Costa (1992) reconhece essa estratégia entre homossexuais brasileiros que assumem o jargão preconceituoso da sociedade envolvente para torná-lo menos pejorativo e opressivo e, ao mesmo tempo, torná-lo mais positivo.

O significado de a mulher está coberta ou não por panos deve ser repensado, já que a cultura que torna o que é sexual no corpo, um exemplo expressivo disso, é o fato de que a maquiagem nos olhos de uma mulher totalmente coberta por uma burca a torna totalmente sexual.

As mais novas feministas procuram agora a emancipação sexual e reprodutiva, tirar a blusa é de fato uma forma mais bruta e chamativa do movimento. Uma das mais antigas militantes brasileira, Yolanda Prado em uma entrevista para a revista ISTOÉ (2012) diz achar divertido as novas manifestações pois a essência seria a mesma a quarenta anos atrás.

### **Discutindo a responsabilidade da vítima de estupro.**

“É ridículo pensar que, dizer não sempre significa não. Todos sabem o que se passa no calor do momento: é ‘não’ agora, é ‘talvez’ depois e muda de novo”, essa é uma das frases de Camille Paglia sobre o estupro, um assunto que é muito delicado, pois se trata de uma fatalidade que pode ocorrer de várias formas e de diferentes maneiras.

Apesar de um não poder ser realmente um não, deve-se concordar com Camille Paglia quando ela diz que o sexo não é apenas sexo, que existe um jogo de sedução e uma linguagem de sinais entre as pessoas, chamado de coqueteria (SIMMEL, 1983), em que diz que a mulher tem um comportamento que oscila entre sim e não. Seria do feitio dela parecer que é sim, mas que no final acaba sendo não.

Porém dizer não é um direito de qualquer pessoa e deve ser respeitado independente de quão absurda pareça à situação, isso é fato. Muitas pessoas acabam falando ‘ela estava querendo também. O que ela foi fazer naquele lugar? Com aquela roupa? Com aquele cara?’ O problema é que nenhuma mulher sai de casa querendo ser violentada. Estupro não é sexo, nunca foi e nunca será. A esse respeito Alberoni (s/d, p. 68) argumenta:

O que é roubado da estuprada? Sua liberdade de decidir, de escolher. Se a obrigam a entregar-se é porque não quer fazê-lo. Em suas fantasias o homem se imagina passivo. Está sempre pronto a dar-se. A mulher, ao contrário, tem necessidade absoluta de escolher entre o sim e o não. O direito de não se entregar, de dizer sim ou não é a sua força. Esse direito tornou-se constitutivo de sua identidade social. É ela, que, entregando-se (ou não), decide sobre si mesma, tem um poder de autodeterminação, é uma pessoa humana.

A não autorização do indivíduo a outra pessoa sobre o seu corpo é uma violação do espaço físico e emocional da pessoa. Paglia compara a ideia do corpo com um carro e as chaves se referindo à intimidade sexual; diz que não se deve deixar a chave de um carro em cima de uma mesa e se distrair, porque quando menos se esperar alguém acabará roubando. Essa é uma analogia que a autora faz em relação ao estupro defendendo que se deve tomar consciência de que o mundo não é benevolente e que é preciso tomar conta das “chaves do carro”. Como Camille Paglia fez, podemos pensar em uma analogia depois de que se é roubado. Digamos que a sexualidade íntima de uma pessoa seja uma casa, cuidamos dela sempre e quando saímos trancamos todas as portas, mas mesmo assim a casa é violada e roubada. Qual deve ser a reação de uma pessoa em relação a isso? Ir à delegacia, prestar queixa! Vamos querer policiamento perto de nossas casas, colocaremos cercas para nos protegermos. Mas a solução real não foi feita; achar o culpado, o prender e aplicar uma punição para que isso não ocorra mais, ser tratado como crime.

Assim deve ser feito com quem viola a intimidade sexual de uma pessoa, prender e punir. Porém, deve-se pensar em uma maneira de que tais “roubos”



diminuam, para isso é necessário ensinar que um não, pode realmente ser não! Discutir questões de gênero e representação é fundamental para que isso diminua. Em volta da questão do estupro existe uma reafirmação da identidade masculina, podendo ser ainda mais amplo, se referindo a reafirmação do “macho”. Ser macho nessa sociedade significa ter controle, poder e virilidade perante uma mulher.

Quando Paglia fala do feminismo castrando os homens, logo devemos criticar a questão de que existe uma construção de uma masculinidade agressiva na sociedade. Em *Personas Sexuais* (1992), a autora diz que o estuprador não é criado por más influências sociais, mas sim por uma falta de condicionamento social. Porém o homem desde pequeno é ensinado a ser forte, não chorar e ser sexual. Para se reproduzir uma imagem, é necessária uma cultura que suporte os elementos significativos nela, também precisa existir sujeitos que compreendam. Ou seja, o que se tem de violento é repassado muitas vezes sem serem percebidos, para que possam ser difundido ao longo das gerações. O erotismo ocidental borra as diferenças entre o sexual e o estupro, construindo uma imagem passiva da mulher e uma imagem agressiva do homem.

Muitos defendem contra atacando, dizem que o homem é naturalmente mais agressivo que a mulher, porém deve-se por em foco a questão de que vivemos em uma sociedade que não se precisa caçar seu alimento, não ocorre confronto direto em guerras, eliminando assim a necessidade da “agressividade masculina”.

### **O impasse do feminismo na carreira profissional e vida pessoal das mulheres**

No final do século XVIII, novas transformações foram surgindo, e uma nova época passou a existir – a contemporânea. Nesta nova fase, revoluções foram necessárias para que o mundo evoluísse. No início do século XIX, uma revolução marcou a organização social, transformando qualquer tipo de relação à Revolução Industrial.

O sistema econômico que agora se estabelecia necessitava do trabalho da mulher, como mais uma mão de obra, foi nesse momento que houve maior inclusão da mulher no mercado de trabalho, porém ela ainda continuava a trabalhar em casa. Com a Revolução Industrial o capitalismo começa a aderir todos os meios e campos sociais,

isso por que essa economia não olha a quem e nem como acontecerá o ganho do lucro. Karl Marx fala como somos produto de classes, as mulheres então não escaparam, o capitalismo começa a se inserir na luta feminista.

Quando Paglia diz que o feminismo não é honesto com as mulheres, pois passa a ideia de que trabalhar a deixará se sentindo completa e satisfeita precisamos concordar com a autora. O feminismo, antes de qualquer coisa, prega o direito de escolha como cidadã que a mulher deve ter. Entretanto, devemos perceber que não é mais uma questão feminista de que o trabalho é satisfatório a todas, mas sim do sistema econômico capitalista que procura mão de obra e consumidor. A sua utilização se torna imprescindível para o mundo dos capitalistas. Integrar a mulher no mercado de trabalho se torna de extrema importância e indispensável para a acumulação de capital. Hoje o direito de escolha está ligado ao dinheiro, pois na maioria das vezes, as opções de escolha têm um valor embutido, sendo isso o que se tem de capitalismo – tudo é consumível, logo assim, pode ser cobrado.

A aquisição da mercadoria só pode ocorrer através do dinheiro, na maioria das vezes, é preciso trabalhar. Logo então, no caso do feminismo na atual sociedade, para poder escolher é preciso trabalhar, caso isso não aconteça, a mulher estará subordinada a pedir para outra pessoa. Na ocorrência de mulheres casadas, por exemplo, acaba criando certa dependência do marido que trabalha, porém deve-se lembrar que esse é um direito de escolha já garantido a mulher, isso explicaria então o porquê de a mulher vir conseguindo sua liberdade através de sua “independência” econômica por meio de sua inserção no mercado de trabalho.

Por outro lado, Betty Friedan (1971, p. 17-18), nos anos 1960, denunciava o “problema sem nome” no qual em que donas de casa suburbanas, apesar de todo conforto material provido por seus maridos, eram infelizes por renunciar às suas carreiras: “nas colunas, livros e artigos de especialistas. Todos afirmavam que seu papel era procurar realizar-se como esposa e mãe (...) Ficavam sabendo que a mulher verdadeiramente feminina não deseja seguir carreira, obter educação mais aprofundada, lutar por direitos políticos e pela independência e pelas oportunidades que as antigas feministas pleiteavam. Algumas, entre quarenta e cinquenta anos, lembravam-se ainda lembravam-se ainda de terem renunciado com pesar a esses sonhos (...)”.

## Conclusão

Camille Paglia defende que a força e poder do homem é naturalmente humana e que o feminismo vem lutando contra algo que seria natural. Suas ideias são de que o homem é o verdadeiro criador da cultura. Entretanto, observados os aspectos culturais e sociais é preciso abranger sobre as representações que giram em torno da mulher e da história de submissão que elas enfrentam há séculos e que para criar cultura é preciso ter espaço na sociedade, inclusive, manter-se em uma sociedade sem questionamentos e reformas paralisariam a produção de tal cultura. Camille Paglia ainda precisa discutir a questão das mulheres negras e de classe média baixa, pois existe uma sociedade movida, que gira em torno de classes conforme Marx constata. Isso é preciso para uma análise mais profunda do feminismo, tanto ortodoxo quanto heterodoxo.

Uma das frases mais famosas frases de Simone de Beauvoir é essencial para a conclusão desse trabalho: *“Não se nasce mulher, torna-se mulher”*. Ou seja, a questão de gênero e a representação que se dá em cima disso são de questões culturais e cultura é construída. Tudo o que é construído, pode ser desconstruído. Valores masculinos e femininos são atribuídos para uma divisão de funções na sociedade, criando grupos para uma identificação pessoal. O problema é quando o indivíduo não se identifica com o grupo que foi determinado a participar, justificando então, a discussão de gênero, que é um dos assuntos mais estudados pelas feministas. O feminismo então não tem como propósito deixar a natureza animal humana de lado, mas sim reelaborar a cultura predominante do machismo, buscando dar apoio às mulheres que não se identificam com seu grupo tradicional e querem permutar para outro tipo de relação social.

Permutar, em qual meio seja sempre é uma questão de experiência. Não se muda sabendo o que irá acontecer e assim sucede com o feminismo que ao longo de sua história, vem procurando mudanças que podem ser confusas e terem lacunas a serem excluídas, mas que o único modo de tornar possível é com a experiência. Não se pode dizer então que Paglia está totalmente errada em suas críticas sobre o feminismo ortodoxo, entretanto, vemos que esse a cultura que inferioriza a mulher deve ser desconstruída e não que os homens sejam inferiorizados.

A sociedade vive em constantes mudanças, uns irão aceitá-las, outros se rebelarão contra elas. Porém, depois do surgimento do Iluminismo, feminismo se torna um estudo científico social, estudar, divergir e opinar é essencial para que verdade seja alcançada e proporcionar uma sociedade mais equilibrada com seu lado biológico animal e seu lado social cultural.

### Referências:

ABREU, Maria Zina Gonçalves de. Luta das Mulheres pelo Direito de Voto. Movimentossufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. *Arquipélago – Revista da Universidade dos Açores*. Ponto Delgada, 2ª série, VI, 2002. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.3/380>>

ALBERONI, Francesco. *O erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução*. (trad. Élia Edel). São Paulo: Círculo do Livro, s/d

ALVES, Branca Moreira Alves; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ARAÚJO, Daniela. *As palavras e seus efeitos: o sexismo na publicidade*. Porto Alegre: PUC-RS, 2006. (Mestrado em Letras).

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo. 1. Fatos e mitos*. (trad. Sérgio Milliet). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BIRMAN, Joel, *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard, 1982.

CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero". In: ASHOKA EMPREENDIMIENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. (trad. Maria Manuela Galhardo). Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico* (trad. Eduardo Brandão). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREUD, Sigmund. (1987). *O futuro de uma ilusão* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1927).

FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. (trad. Áurea B. Weissemberg). Petrópolis: Vozes, 1971.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008

ISTOÉ. Martino, Natália e Cardoso, Rodrigo- N° Edição: 2224 | 22.Jun.12 - 21:00 | Atualizado em 25.Nov.14 - 21:38

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade*. vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MELUCCI, Alberto. *L'invenzione del presente*. Movirmenti, identità. bisogni collettivi. Bologna, Il Mulino, 1982.

NARVAZ, Martha Giudice Narvaz; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006

NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem* (trad. Nathanael C. Caixeiro). Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1995.

PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais*. (Trad. Marcos Santarrita). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *Sexo, Arte e Cultura Americana*. (trad. Marcos Santarrita). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. In: *Tempo Social; Rev. Sociologia*. USP, S. Paulo, 2(2): 7-33, 2.sem. 1990.

PUGH, Martin. *The March of the Women. A revisionist analysis of the campaign for women's suffrage, 1866-1914*. London: Oxford University Press, 1999.

RABELO, Danilo. *Rastafari: Identidade e Hibridismo Cultural na Jamaica (1930-1981)*. Brasília: Unb, 2006, (Doutorado em História).

\_\_\_\_\_. Sexualidade e Gênero na escola. In: UFG-CEPAE. *Metodologia do Ensino Fundamental*. Vol. 1. Goiânia: FUNAPE/CIAR, 2010, p. 33-44.

SCOTT, Joan W. Deconstructing Equality-versus-Difference: or the Uses of Poststructuralist Theory for Feminism. *Feminist Studies*. New York, 14(1): 33-50, Spring 1988.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. (org. Evaristo de Moraes Filho) (trad. Carlos Alberto Pavanelli et al.). São Paulo: Ática, 1983.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Vasconcelos. Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental. In: *Ártemis*. João Pessoa: UFPB, Nº 3, dez. 2005, pdf.